



A VOZ ROUCA

que não se cala

#13

f A Voz Rouca

Professores de Minas Gerais garantem Convenção com greve

Não é só em São Paulo que as condições de trabalho dos professores do ensino privado estão em risco. Aproveitando a reforma trabalhista, as entidades patronais vem tentando destruir os direitos garantidos pelas Convenções Coletivas em vários estados do país. É um ataque coordenado: afinal, cada vez mais, são os mesmos grupos empresariais que controlam os colégios Brasil a fora.

Greve: sem convenção, sem aula!

Em Minas Gerais, o plano dos empresários da educação encontrou uma pedra no caminho. Diante da ameaça à Convenção, mais de mil professores de escolas e faculdades privadas se reuniram em assembleia da categoria no dia 24/04 e decidiram entrar em greve.

A paralisação abalou os donos de escola. Prova disso é que, já no segundo dia de greve, a patronal recuou em algumas de suas propostas mais absurdas: o fim do pagamento extraclasse (os patrões queri-

am transformar a hora-atividade em hora de serviço na escola), o fim da "pausa do cafezinho" (direito de intervalo de 15 minutos após aulas consecutivas) e a limitação das bolsas de estudos.

Mesmo tendo obtido essa importante conquista, o movimento não se acomodou. Em nova assembleia, os professores decidiram manter a greve até que fossem garantidos todos os direitos da Convenção – mesmo aqueles que podem soar como "detalhes" –, além de um aumento real do salário, acima do reajuste da inflação.

A greve seguiu firme por 10 dias, garantindo recuo da patronal em outros pontos, como a homologação no sindicato, que havia sido derrubada pela reforma. Também foi negociado o pagamento dos dias parados, sem corte de ponto aos grevistas.

A organização do movimento

É interessante entendermos melhor como o movimento se organizou. Antes da deflagração da greve, o terreno já vinha sen-

do preparado. Como as assembleias do Sinpro eram convocadas em dias de semana, em muitos casos os professores paralisavam suas escolas para poder participar em grupo.

Outra estratégia para garantir a participação massiva de professores na assembleia foi o envio de mensagens de WhatsApp informando os rumos da negociação e as datas das assembleias para todos os professores cadastrados na base do sindicato. (A mesma ideia já foi aprovada em assembleia em São Paulo, mas o Sinpro-SP não cumpriu...)

Importante notar que, durante a greve, os professores de Minas não restringiam sua mobilização às instâncias convocadas pelo sindicato: após cada assembleia, a equipe de cada uma das escolas que estava presente se reunia em pequenas rodinhas para discutir como encaminhar as deliberações dentro de cada local de trabalho. Talvez seja nessa auto-organização



que se encontre a maior força do movimento mineiro, e também a maior pressão sobre os patrões. Mais organização, mais unidade e mais força: trabalhadores fazendo o movimento e não só participando dele.

Além das assembleias, durante os dias de paralisação os professores e o sindicato organizaram piquetes nas portas das escolas e manifestações em frente ao TRT e

à sede da patronal.

Um detalhe que chama atenção no movimento mineiro é que, apesar de apenas uma relativa minoria de estabelecimentos de ensino ter paralisado – cerca de 40 colégios e faculdades, segundo estimativas da mídia –, a greve teve impacto e abalou os patrões.

Diferentemente de São Paulo, o sindicato patronal não rompeu a negociação. Seria a

patronal mineira "menos intransigente", "mais aberta ao diálogo" do que o Sиеesp paulista? Nos parece que não: em Minas, o que forçou os patrões a negociar foi a mobilização da própria categoria, que pressionou dentro de cada local de trabalho, incomodando os negócios daqueles que querem lucrar com a educação às custas da precarização do trabalho do professor.

Relatos do *front*: a organização em cada escola

Escola Balão Vermelho (Bahema)

Na Balão Vermelho, todos os segmentos se mobilizaram e aderiram à greve em defesa da Convenção. Os professores do colégio começaram a se organizar por um grupo de WhatsApp criado inicialmente para discutir questões internas como salário e plano de saúde. Com o crescimento do movimento, o grupo se expandiu: marcaram reuniões e compareceram às assembleias da categoria. Após a primeira paralisação da equipe, a direção convocou diversos docentes para conversar na tentativa de dissuadi-los do movimento, argumentando ainda que a greve "pegava mal" para os novos patrões – a Balão está entre os colégios comprados no ano passado pela Bahema, grupo milionário do mercado financeiro. Segundo o discurso da direção, a Balão era a única escola comprada pela Bahema a paralisar o trabalho (porém, isso não é verdade: em 2017, tanto a Escola Parque, do Rio de Janeiro, a Escola da Vila e a Viva, de São Paulo, participaram da greve contra a reforma trabalhista e previdenciária). Após a persistência da mobilização dos professores, a direção mudou o tom intimidatório com os professores e tentou contornar a situação. Além disso, a adesão à greve de grandes colégios deu mais segurança aos docentes que se viram respaldados e como parte de um movimento maior.

Colégio Santo Agostinho



Ao longo da greve, manifestações de solidariedade dos alunos foram muito importantes para fortalecer a luta dos professores. Além de marcar presença nas assembleias e atos da categoria, o apoio dos estudantes foi fundamental também dentro das escolas, constringendo os patrões e coibindo as tentativas de assédio das direções contra os professores em luta. Uma cena que ganhou destaque aconteceu no Colégio Santo Agostinho: convocados a subir para as salas de aula para furar a greve, centenas de alunos se recusaram e ficaram reunidos no pátio em protesto.

Maple Bear (Grupo SEB)

Na Maple Bear, as ações de paralisação cresceram de maneiras distintas em cada segmento e unidade, até culminar na adesão total à greve, com o fechamento da escola. No primeiro dia em que os professores interromperam o trabalho para comparecer na assembleia do movimento, a direção contratou animadores recreativos para substituir as docentes do Infantil, numa posição de desrespeito com o trabalho da equipe. Após essa ação, coube ao Fundamental II puxar a dianteira da greve e sustentá-la por dois dias sozinhos até que os outros segmentos voltassem a se fortalecer para cruzar os braços mais um vez de forma coletiva. Escola bilíngue canadense, a Maple Bear tem unidades em São Paulo e outras cidades do país. A rede também está inserida no circuito do grande capital da educação no Brasil: no início de 2017, foi comprada pelo grupo SEB, da bilionária família Zaher, dona da recém-fundada Escola Concept, do Pueri Domus e dos sistemas de ensino COC e Dom Bosco.

PUC Minas

Um acontecimento marcante do movimento foi a decisão dos professores da PUC de entrar em **greve em solidariedade** ao restante da categoria. Em Minas, a PUC possui uma Convenção Coletiva própria, com garantias diferenciadas do restante do ensino privado, que é negociada no segundo semestre. Isso quer dizer que a indecente proposta de retirada de direitos levada a cabo pelo sindicato patronal, a curto prazo, não afetaria nenhum professor da PUC. Mesmo assim, após o início da greve, mais de 100 docentes da universidade se reuniram em assembleia e decidiram paralisar em solidariedade aos colegas de classe, em apoio à luta pela manutenção da Convenção nas demais escolas e faculdades particulares! Além disso, os professores aproveitam o momento da mobilização para denunciar a precarização das condições de trabalho que vem ocorrendo dentro da própria PUC, como a demissão sem homologação no sindicato de 50 docentes e o aumento do número de alunos por sala.

